

FACULDADES INTEGRADAS DE TAGUAÍ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

PALOMA EDUARDA FERNANDES DIOGO PINHO

**A RELEVÂNCIA DO ESTABELECIMENTO
DE VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE
O EDUCADOR E A CRIANÇA DISLÉXICA**

TAGUAÍ – SP
2021

PALOMA EDUARDA FERNANDES DIOGO PINHO

**A RELEVÂNCIA DO ESTABELECIMENTO
DE VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE
O EDUCADOR E A CRIANÇA DISLÉXICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no curso de Graduação em
Pedagogia nas Faculdades Integradas de
Taguaí sob a orientação do Professor
Mestre Eduardo Gasperoni de Oliveira.

PALOMA EDUARDA FERNANDES DIOGO PINHO

**A RELEVÂNCIA DO ESTABELECIMENTO
DE VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE
O EDUCADOR E A CRIANÇA DISLÉXICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
orientado pelo professor Me. Eduardo
Gasperoni de Oliveira apresentado ao
curso de Graduação em Pedagogia das
Faculdades Integradas de Taguaí, como
requisito para obtenção do grau de
graduado em Pedagogia.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR PROFESSOR MESTRE EDUARDO GASPERONI DE OLIVEIRA

PROFESSORA ESPECIALISTA DIONE LEITE DE OLIVEIRA ALMEIDA

PROFESSORA ESPECIALISTA MARIA CLAUDIA TEIXEIRA DE CARVALHO

Agradeço a Deus, pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada. Agradeço a meus professores e aos meus colegas que me ajudaram na conclusão do meu trabalho científico. Agradeço também minha mãe, pois sem ela não teria forças para chegar aqui. Agradeço também minha família pelo apoio e em especial ao meu professor orientador, Me. Eduardo Gasperoni de Oliveira, que acreditou na minha capacidade e me ajudou a realizar esse trabalho.

DEDICATÓRIA

Primeiramente agradeço a Deus, sem ele não estaria terminando esse trabalho científico. Foram tantos os obstáculos e a vontade de jogar tudo para o alto e desistir do meu sonho, mas ele me manteve em pé nos momentos mais difíceis, onde só ele soube dar o consolo necessário ao meu coração.

Depois de Deus, agradeço a minha mãe, Maria Sueli Fernandes Diogo, por estar em todos os momentos ao meu lado e nunca me deixar desistir, sem o apoio dela seria impossível seguir sempre adiante.

Agradeço também meu avô, José Fernandes Diogo (*in memoriam*) que desde pequena me criou e me mostrou os caminhos da vida.

Agradeço também a minha avó, Vitalina Bérغامo Diogo (*in memoriam*), minha estrelinha, que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida, que lá do céu olha por mim e torce pela minha vitória, nos momentos mais difíceis, sei que ela estava lá intercedendo para me dar à direção certa a seguir.

Meus avôs são as estrelas que mais brilham no meu céu, orientando-me todas as noites, sempre vivos no meu coração.

Agradeço minha família, por estarem ao meu lado em todos os momentos, em especial aos meus sobrinhos que são tudo na minha vida.

Agradeço também as minhas amigas Ana Caroline de Camargo, Aline Fabiana Marcelino, Carolina Zumas de Miranda, Loandra Bueno Leme e Thamiris Ribeiro que são presentes de Deus em minha vida, que sempre me apoiaram e participaram nessa minha trajetória.

Agradeço também minhas companheiras de serviços por me apoiarem.

Agradeço meu orientador e professor, Mestre Eduardo Gasperoni de Oliveira, que sempre me norteou no caminho correto a seguir e sempre me mostrou o quanto sou capaz.

Por último, agradeço ao meu companheiro, Guilherme de Araújo Ribeiro, que sempre esteve ao meu lado e nunca me deixou desistir, sempre me apoiou na minha jornada e dizendo que eu era capaz.

RESUMO

Este artigo científico tem como objeto a afetividade como recurso pedagógico à criança disléxica. Teve como objetivo geral levar à reflexão acerca da relevância da atuação e intervenção docente e a inserção da afetividade como recurso pedagógico para o educando com dislexia. Trata-se de um transtorno de causa genética ou adquirida que acomete a confiança, a auto-estima, as relações sociais e emocionais, e atrapalha de modo essencial, o processo de aprendizagem de leitura e de escrita do educando. De cunho bibliográfico e através de uma pesquisa de campo via Google Forms, pretende-se responder a seguinte indagação: A afetividade por parte do professor pode colaborar com a criança disléxica? Pode-se constatar, tanto de cunho bibliográfico quanto na pesquisa de campo, que a afetividade pode sim contribuir muito para a aprendizagem dessas crianças disléxicas já que o professor trabalhando com a afetividade, consegue conquistar a confiança da criança, sendo assim fazendo com que a criança se sinta mais segura e autoconfiante de si mesma ela passa a enxergar possibilidades onde antes não existiam, conseguindo, desse modo, angariar êxito em seu processo de ensino e de aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Dislexia. Recurso Pedagógico. Transtorno. Processo de Ensino e de Aprendizagem.

1 – INTRODUÇÃO

Classificada como um transtorno, a dislexia que pode ocorrer por motivos genéticos ou por distúrbios adquiridos ao longo da vida, atrapalhando assim as áreas de formação da capacidade de ler e escrever. Existem estratégias para amenizar esse transtorno (ALFREDO, 2013).

O aluno portador desse transtorno pode ter consequências nas suas relações sociais e emocionais, pois o fato de apresentar dificuldades na leitura, escrita ou cálculo afeta sua auto-estima, sua confiança, assim como o desmotiva a aprender coisas novas, principalmente nas séries iniciais, onde a criança precisa de muitos estímulos para desenvolver as habilidades necessárias e desenvolver-se com êxito (ALFREDO, 2013).

Para tanto é necessário que o professor esteja atento a essas mudanças de comportamento e faça a interferência necessária, ou seja, aplique as estratégias de maneira a amenizar essas consequências e para auxiliar o seu aluno no momento de aprendizagem. (ALFREDO, 2013).

A dislexia pode ser identificada logo no início do processo de alfabetização, através de um diagnóstico realizado pelos professores e posteriormente por meio de tratamento envolvendo uma equipe de profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos, incluindo também o apoio emocional da família, pois quando não se há incentivo e conhecimento da família sobre o assunto a criança pode ser mal interpretada ocasionando assim transtornos de cunho social e emocional neste aluno (ALFREDO, 2013).

Este artigo científico tem como objetivo geral levar à reflexão acerca da relevância da atuação e intervenção docente e a inserção da afetividade como recurso pedagógico para o educando com Dislexia.

E tem como objetivos específicos:

Refletir como a afetividade ajuda no processo de aprendizagem desses alunos e como cada professor ajuda seu aluno;

Trazer apontamentos teóricos sobre a afetividade;

Caracterizar a dislexia;

Apontar estratégias relacionadas ao aspecto afetivo e à atuação docente.

Pode-se considerar o seio familiar como primeiro intermediário socializador na vida da criança. Logo, a escola também funciona como instrumento indissociável para garantir uma base de aprendizagem sólida e eficaz. A mesma deve oferecer todas as condições para que o educando se desenvolva em um ambiente saudável, interativo e acolhedor incentivando e favorecendo as relações interpessoais positivas, que desse modo, facilitarão a integração social, possibilitando o sucesso dos processos educativos (ALFREDO, 2013).

Portanto, justifica ser realizada em decorrência de estudar os impactos que o professor afetivo traz para o desenvolvimento emocional e social da criança, de maneira que ela possa desenvolver-se em todos os aspectos necessários para uma boa convivência em sua vida e sociedade.

Essa reflexão científica está engajada a estudar e conhecer ainda mais sobre o transtorno de dislexia, já que é um assunto pouco estudado e tem se agravado cada vez mais em nossa sociedade para isso será usado os seguintes métodos.

De cunho bibliográfico e através de uma pesquisa de campo via Google Forms, este trabalho científico pretende responder a seguinte indagação: A afetividade por parte do professor pode colaborar com a criança disléxica?

Sim. A hipótese que se constrói vem apontar, segundo alguns teóricos, que a afetividade faz toda a diferença na aprendizagem do disléxico. Alguns ainda fazem a menção de que a afetividade é o que move a criança, já que é por meio dela que a criança passa a ter total confiança no professor. Também alguns profissionais da área, contribuintes da pesquisa de campo, acreditam e afirmam que a afetividade pode auxiliar muito, uma vez que com a afetividade o aluno vai se sentir mais seguro, melhorar sua autoestima, e apresentará satisfatórios progressos relacionados ao aprendizado.

O referencial teórico deste artigo foi elaborado da seguinte forma: Como ponto de partida, foi feita considerações sobre a afetividade, revelando o quanto ela é importante para a aprendizagem. Em seguida, abordou-se sobre a dislexia, causas e características, e suas definições. Também são trazidas algumas estratégias para que o professor trabalhe com esse aluno disléxico. Por ultimo também foi elaborada uma pesquisa de campo onde alguns profissionais da área responderam questões aonde envolve a afetividade e dislexia.

2 – A RELEVÂNCIA DO ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE O EDUCADOR E A CRIANÇA DISLÉXICA

2.1 – AFETIVIDADE

Afetividade é definida como o “conjunto de fenômenos psíquicos que expressam paixões e sentimentos, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação de agrado, ou desagrado, de alegria ou tristeza” (FERREIRA, 1975, p. 44).

Em seu capítulo denominado *A relevância da afetividade constituída nas relações e interações interpessoais na obra “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry*, os autores Oliveira e Silva (2018) trazem à discussão a relevância em se constituir vínculos afetivos nos relacionamentos entre as pessoas, de modo muito significativo enfatiza-se aqui, a relação professor e aluno, e de como tal relacionamento interpessoal a ser estabelecido pode colaborar com a criança disléxica, o cerne deste artigo científico.

Segundo Oliveira e Silva (2018), tendo sua definição etimológica, o afeto é neutro e pode expressar um sentimento de agrado ou desagrado em diferentes graus de complexão, disposição de alma, que tanto pode revelar ira ou amor. Todavia, o afeto, quando provém da prática do amor, torna-se amorosidade, ato revestido de um estímulo para o aprendizado, dando evidencia e compreensão à consciência.

Ainda se falando no termo afetividade, para Gadotti (1999), ela é um conjunto de fenômenos que envolvem os seres humanos durante toda a vida, fenômenos estes que são caracterizados por sentimentos, emoções e paixões acompanhadas sempre de prazer ou desprazer.

Nesse capítulo será tratado o afeto como algo positivo para a aprendizagem. Alguns teóricos estudaram mais a fundo como ela ajuda no processo pedagógico, podemos citar alguns deles: Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vygotsky. Todos comungam do mesmo pensamento: a afetividade tem grande relevância na educação.

Quando se fala em aprendizagem e educação, não podemos deixar de citar o grande teórico Jean Piaget (*apud* BRUNO NETO, 2012) e suas considerações acerca da afetividade. Para ele, a afetividade é funcional na inteligência. Ela é fonte

de energia de que a cognição se utiliza para funcionar. Nessas palavras, pode-se perceber que a afetividade é a fonte da aprendizagem, através dela acontece o vínculo afetivo que é positivo para uma aprendizagem significativa.

Ainda se falando de Piaget, Bruno Neto (2012) diz que não existe uma ação de forma afetiva sem antes o individuo utilizar a cognição, ou seja, o individuo precisa por meio de sua inteligência entender a situação pela qual ele passa, para poder agir afetivamente em acordo com o estímulo que sofrer. Menciona também que, para Piaget, a fim de haver a assimilação de algum conteúdo, seja ele teórico ou prático, seja uma instituição de ensino ou em um laboratório, deve haver uma interação afetiva de quem explica o conceito e quem recebe a informação. Isso se dá, pois é por meio da interação que surge o interesse pelo objeto.

Entende-se, pelo que está escrito acima, que se não for à afetividade, o educando não terá nenhum contato com o objeto de estudo ou até mesmo interação com o educador. O educador através da afetividade consegue com que o educando se interesse pelo que está sendo proposto e aprenda de verdade sobre o que está sendo proposto, não de uma maneira que ele vai aprender o assunto para passar de ano, mas sim de uma maneira que leve para a vida inteira (BRUNO NETO, 2012).

Tem-se também o estudioso Lev Vygotsky que fala sobre a afetividade no processo de aprendizagem. Kohl (1992) menciona que a mente humana não possui estruturas que desde o nascimento contém conhecimento. É por meio da vivência na sociedade e nas relações com outros seres humanos que a pessoa construirá novos conhecimentos e novas relações entre os objetos de estudo. O aluno não nasce com o conteúdo internalizado em sua mente. O conteúdo deve ser transmitido pelo professor, mas somente transmiti-lo não é o bastante. A socialização com o professor, a discussão e troca de ideias é fundamental para que o conteúdo se fixe de forma que o discente elabore com suas próprias palavras o que foi aprendido.

Pode-se observar, através da teoria de Vygotsky, que a criança não nasce sabendo somente com alguns conhecimentos. Ele também frisa a importância da afetividade, onde o professor que é o papel fundamental na transmissão de conhecimento. Nada vai adiantar se não houver a afetividade para que o educando aprenda significativamente. Na teoria de Vygotsky, o educando aprende através das vivências e para que essa transmissão positiva de conhecimento ocorra, antes terá que ser estabelecido o vínculo entre ambas as partes e mais uma vez é papel da afetividade fazer que esse vínculo aconteça (KOHL, 1992).

Apesar de Piaget e Vygotsky terem estudado bastante sobre a afetividade no processo de aprendizagem, foi Henri Wallon (*apud* DANTAS, 1992) que estudou mais o fundo sobre o referido tema. Para Wallon (*apud* DANTAS, 1992), o desenvolvimento humano acontece em cinco estágios durante toda a vida e em todos os estágios a afetividade está presente com certo grau, às vezes maior ou menor.

Wallon (*apud* DANTAS, 1992) destaca, em seus estudos, que a afetividade se expressa de três maneiras:

1 – Emoção: exteriorização da afetividade aparece desde o início da vida do ser humano e é expressa com movimentos de espasmos e contrações, liberando sensações de mal-estar ou bem-estar. Nessa teoria, a emoção é vista como indispensável à sobrevivência do ser, e, pela sua contagiosidade “ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primórdios da história do ser e da espécie” (DANTAS, 1992, p. 85).

2 – Sentimento: expressa a afetividade sem arrebatamento, com controle, pela mímica e também pela linguagem, o que o diferencia da emoção. Tem caráter cognitivo.

3 – Paixão: está presente a partir da fase do personalismo e se caracteriza pelo autocontrole no domínio de uma situação, exteriorizando-se através de ciúmes e exigência de exclusividade, entre outros (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Em relação aos benefícios da afetividade no processo ensino-aprendizagem, é sabido que a pobreza afetiva prejudica o sujeito, principalmente o jovem que, até por conta da impulsividade própria da idade, tende a arriscar-se de forma temerária já que lhe faltam boas e construtivas referências. Ao contrário, se ele conta com referências positivas “e com orientação, ele desenvolve o poder de filtrar as informações que lhe chegam, a partir da tomada de consciência de como agem as pessoas de bom caráter” (NUNES, 2009, p. 123).

A ação de cativar algo ou alguém diz respeito em estabelecer e construir relações interpessoais, consistindo numa ação em ser responsável, de modo semelhante ao príncipezinho que cativou sua Rosa. Logo, o Pequeno Príncipe em sua fábula leva à reflexão de como o estabelecimento e cultivo da afetividade se fazem importantes, tendo em vista que [...] se tu me cativas, nós teremos

necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo” (SAINT-EXUPÉRY *apud* OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 114).

Quando a criança chega à escola, ela já traz consigo uma bagagem e tanto, pois ela não aprende só na escola. Tudo que a criança vivencia é um aprendizado para si. Ao chegar à escola, o professor não pode descartar o que ela já aprendeu, porque tudo aquilo vai influenciar no que vai aprender e ajudar na sua interação com o meio. Então, o papel do professor não é somente de ensinar ou transmitir o conhecimento, mas sim o de ver tudo aquilo que a criança já sabe para usar em seu favor. Ai reside à afetividade. Dado momento que o professor cria um vínculo com seu aluno, a aprendizagem vai ocorrer de uma forma mais significativa (NUNES, 2009).

Para Wallon (*apud* MAHONEY; ALMEIDA, 2005), é importante o professor saber sobre afetividade, pois a emoção, concebida como um dos seus aspectos mais importantes ao aprendizado, é contagiosa, já que o comportamento do aluno influencia a dinâmica da sala de aula e a postura do professor e este deve estar preparado para colaborar na solução dos conflitos, lembrando que estes são partes importantes do processo ensino-aprendizagem., pois a forma como o professor se coloca frente aos conflitos e como estes são resolvidos reflete nas relações do aluno com o conhecimento e com os outros.

Pode-se perceber que, para Wallon (*apud* DANTAS, 1992), o professor deve saber trabalhar com afetividade, mas antes de tudo, precisa conhecê-la, pois uma vez que a conhecendo, ele vai conseguir trabalhar com ela e passar a seus alunos, estimulando o respeito mútuo e conseguindo acabar com os conflitos que são gerados em sala de aula.

De acordo com Nunes (2009), o papel da afetividade na educação não deve ser o de mero coadjuvante, mas sim o de ocupar o centro do palco junto aos conteúdos e métodos pedagógicos que fazem parte do currículo escolar formal que, por si só, já contribuem inestimavelmente para o crescimento de crianças e de jovens.

Quando se há afetividade na sala de aula, cria-se um ambiente harmonioso de troca de experiências. O professor não vai estar ali no âmbito de educar o aluno, mas sim também no papel de ouvir, havendo, assim, uma relação de troca. Quando essa relação é fundamentada no afeto, o aluno vai saber a hora de falar, mas

também a hora de escutar e respeitar o próximo, tornando fonte de crescimento para ambas as partes (SILVA, 2013).

A afetividade, quando valorizada dentro do processo ensino-aprendizagem, traz inúmeros benefícios aos seus agentes. Para o professor, oferece confiança, sensibilidade e o manejo necessário para entender o que seus alunos estão sentindo em determinados momentos e a habilidade e competência para encontrar possíveis soluções para certos conflitos. Para os alunos, o simples fato de sentir-se valorizado e respeitado como ser humano já aumenta sua disposição para aprender e cooperar com seus professores seus colegas (SILVA, 2013).

Observando esse aspecto, a afetividade colabora muito com o professor em vários sentidos. Pode-se perceber que trabalhando com afeto, o professor terá um retorno muito melhor que o esperado e também poderá ajudar o aluno em conflitos pessoais e sociais da vida cotidiana. A afetividade também é muito importante para aqueles alunos que têm certa dificuldade de aprendizagem, já que o professor vai conseguir entender o que o aluno está sentindo e o que está precisando naquele momento. Muitas crianças têm atraso na aprendizagem por alguns fatores: muitos têm vergonha até de falar para o professor o que está se passando, fatores esses que podem ser relacionados à família, onde pais se separam ou até mesmo vivem brigando e acaba afetando a criança; muitos pais também jogam a culpa do estresse do dia-a-dia nos seus filhos, às vezes, até falando coisas que eles irão levar para o resto da sua vida; muitas crianças sofrem maus tratos na casa e até mesmo o bullying sofrido na escola por questões de classe social ou de cunho racial (SILVA, 2013).

Pode-se dizer que a afetividade abre um leque muito grande para os professores. Ela ajuda também na inclusão dos alunos, não só àqueles alunos que têm alguma deficiência, mas sim aqueles que, de alguma maneira, se sintam excluídos no ambiente escolar que, muitas vezes, vem de outra escola e tenham muita timidez ou até mesmo medo de sofrer algum tipo de preconceito. Muitas vezes, isso já tenha ocorrido em algum momento de sua vida. Então, o professor que estabelece um vínculo afetivo com seus alunos consegue fazer com que ocorra uma aprendizagem seja cada vez mais significativa.

Após a reflexão acerca da afetividade e de como tal recurso pode colaborar com o processo de aprendizagem dos educandos, serão tecidas considerações acerca do transtorno Dislexia.

2.2 – DISLEXIA: DEFINIÇÕES E CARACTERIZAÇÕES

Segundo Pimenta (2018), a dislexia é um transtorno específico da aprendizagem, de origem neurobiológica. Trata-se de um conjunto de sintomas, que resultam em pessoas com dificuldades com habilidades específicas de linguagem e particularmente a leitura. Ela é definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita ou soletração. Trata-se do quadro de maior incidência em salas de aula. E a pré-escola é, de certa forma, um divisor de águas para a identificação do distúrbio.

De acordo com a definição da *International Dyslexia Association* – IDA (*apud* MONTANARI, 2015), tal dificuldade ocorre apesar de haver uma habilidade intelectual adequada e uma exposição a uma educação efetiva.

A Dislexia tem como características dificuldades de reconhecimento de palavras, de decodificação, lentidão na leitura e na escrita, ocorrência inversão de letras e números, problemas de memorização e também em soletrar (MONTANARI, 2015).

Os primeiros sinais já podem ser percebidos no começo da vida escolar. Os especialistas afirmam que quanto mais rápido a dislexia for descoberta melhor é para a criança, minimizando muitos impactos na vida escolar (MONTANARI, 2015).

Notas muito baixas, problemas com indisciplina e isolamento podem ser alguns sinais de problemas relacionados à dislexia. Muitos alunos com o transtorno podem ser taxados como preguiçosos ou indisciplinado o que desmotiva a se esforçar e o deixa dentro de um ciclo que envolve baixa auto-estima e revolta (MONTANARI, 2015).

Seus sinais variam dependendo da idade, na fase do reconhecimento é preciso ficar atento ao desenvolvimento da criança de forma geral e se notar qualquer dificuldade, procurar orientação de especialistas, o diagnóstico e tratamento da dislexia exige a participação de equipe multidisciplinar, com profissionais como pedagogo, fonoaudiólogo e psicólogo (MONTANARI, 2015).

Os critérios utilizados para o diagnóstico de acordo como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV-TR (Diagnostic and Statisical Manual of Mental Disorders) e pontuam que as capacidades de leitura devem estar inferiores ao considerado para a idade escolar do educando e as suas capacidades intelectuais; baixo desempenho escolar devido à leitura e ausência de

disfunção visual auditiva, em sua maioria a avaliação dos critérios de diagnósticos é feita por meio de sintomas que podem ser observados em relação à leitura e à escrita. No entanto, é necessário o uso de instrumentos para a avaliação da leitura e da escrita, pois estes possibilitarão a identificação de nível de desenvolvimento da leitura. A avaliação e o diagnóstico são fundamentais para que o disléxico possa alcançar o sucesso e ter profissões que possam estar relacionados à leitura e escrita, no entanto precisam do apoio escolar, de profissionais especializados e apoio da família (MONTANARI, 2015).

A maioria dos disléxicos exibira cerca de 10 dos seguintes traços e comportamentos. Estas características podem variar de dia-a-dia ou minuto-a-minuto. A coisa mais consistente sobre disléxicos é a sua inconsistência. (MONTANARI, 2015).

Algumas características gerais são:

- Crianças e adultos disléxicos podem se tornar ávidos e entusiastas leitores quando dadas as ferramentas de aprendizagem que se encaixam no seu estilo de aprendizagem criativa;
- Aparece brilhante altamente inteligente e articulado, mas incapaz de ler, escrever ou soletrar ao nível da classe;
- Marcado como preguiçoso, mudo, descuidado, imaturo, “não tentando o suficiente” ou com “problema de comportamento”;
- Não é “atrasado” o suficiente ou “ruim” o suficiente para ser ajudado no ambiente escolar;
- Alto em Coeficiente de Inteligência – QI – ainda que não seja academicamente bem avaliado. Bom desempenho em testes orais, mas não em testes escritos;
- Parece estúpido;
- Tem baixa autoestima;
- Esconde ou encobre suas fraquezas com estratégias compensatórias engenhosas;
- Facilmente frustrado sobre a leitura da escola ou a realização de testes;
- Talentoso em arte, drama, música, esportes, mecânica, contador de historias, vendas, negócios, projeto, construção ou engenharia;
- Parece viajar ou sonhar acordado, muitas vezes;
- Perde-se facilmente ou perde a noção do tempo;

- Dificuldade em manter a atenção; (MONTANARI, 2015).

Existem alguns meios de intervenção para ajudar o disléxico, nesse sentido é necessário que haja um trabalho conjunto entre escola e família, de forma a estimular a criança que apresenta os sintomas ou recebeu o diagnóstico de dislexia.

Aponta-se, de maneira sucinta, o que pode ser feito no ambiente escolar e familiar para auxiliar esta criança. Aqui, serão enumeradas algumas das intervenções que podem auxiliar eles nesse processo.

Ambiente escolar:

Nesse sentido, para trabalhar com esse grupo de alunos é necessário trabalhar de forma integrada e contextualizada, envolvendo os aspectos: linguagem, raciocínio, concentração, percepção, esquema corporal, orientação espacial, temporal e a lateralidade. Desse modo, o papel do professor frente ao disléxico deve ser de orientador e facilitador, proporcionando um ambiente estimulante e de apoio, podendo junto com o aluno estabelecer objetivos que este deseja alcançar (MONTANARI, 2015).

Contexto familiar:

O apoio da família é de fundamental importância para o desenvolvimento do disléxico, uma vez que o que acontece em casa pode afetar a vida escolar da criança tanto positivamente quanto negativamente. Alguns pais podem não aceitar inicialmente que seu filho possui dificuldade de aprendizagem. Muitas vezes, creem que seu filho jamais será capaz de aprender, mas isso não é verdade, ele tem total capacidade de aprendizagem, só necessita de outros métodos e tempo. Trabalhar em parceria com o professor de seu filho ir ajudá-lo mais rapidamente. Pode-se refletir que, em se falando da família, é muito complicado para os pais no momento que se tem o diagnóstico já que o medo de seus filhos sofrerem é grande (MONTANARI, 2015).

Após a apresentação de conceitos teóricos sobre o transtorno da Dislexia e de como ele se caracteriza, serão apresentadas estratégias que nortearão a prática docente em relação à criança disléxica.

2.3 – ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM A CRIANÇA COM DISLEXIA

Não há receita para trabalhar com alunos disléxicos. Assim, é preciso mais tempo e mais ocasiões para a troca de informações sobre os alunos, planejamento de atividades e elaboração de instrumentais de avaliação específicos (BORBA, 2016).

Segundo Borba (2016), para se trabalhar com o aluno disléxico existe algumas estratégias. Não se pode deixar de lado a afetividade para com esse aluno. Muito se vê, nos dias contemporâneos, como materiais lúdicos, dentre outras formas para fazer com que ocorra a aprendizagem de modo mais satisfatório.

Serão citadas, a seguir, algumas estratégias para ajudar esse aluno em sala de aula, sob a contribuição de Borba (2016):

- Trate o aluno disléxico com naturalidade. Ele é um aluno como qualquer outro; apenas, disléxico. A última coisa para a qual o diagnóstico deveria contribuir seria para (aumentar) a sua discriminação;
- Use a linguagem direta, clara e objetiva quando falar com ele. Muitos disléxicos têm dificuldade para compreender uma linguagem (muito) simbólica, sofisticada e metafórica. Seja simples, utilize frases curtas e concisas ao passar instruções;
- Fale olhando direto para ele. Isso ajuda e muito. Enriquece e favorece a comunicação;
- Traga-o para perto da lousa e da mesa do professor. Tê-lo próximo à lousa ou à mesa de trabalho do professor, pode favorecer o diálogo, facilitar o acompanhamento, facilitar a orientação, criar e fortalecer novos vínculos;
- Verifique sempre e discretamente se ele demonstra estar entendendo a sua exposição. Ele tem dúvidas a respeito do que está sendo objeto da sua aula? Ele consegue entender o fundamento, a essência, do conhecimento que está sendo tratado? Ele está acompanhando o raciocínio, a explicação e os fatos? Repita sempre que preciso e apresente exemplos, se for necessário;
- Certifique-se de que as instruções para determinadas tarefas foram compreendidas. O que, quando, onde, como, com o que, com quem, em que horário, etc. Não economize tempo para constatar se ficou realmente claro para o aluno o que se espera dele;

- Observe discretamente se ele fez as anotações da lousa e de maneira correta antes de apagá-la. O dislético tem um ritmo diferente do não-dislético. Portanto, evite submetê-lo a pressões de tempo ou competição com os colegas;

- Observe se ele está se integrando com os colegas. Geralmente, o dislético angaria simpatias entre os companheiros. Suas qualidades e habilidades são valorizadas, o que lhes favorece o relacionamento. Entretanto, sua inaptidão para certas atividades escolares, como: provas em dupla, trabalhos em grupo, etc., pode levar os colegas a rejeitá-lo nessas ocasiões. O professor deve evitar situações que evidenciem esse fato. Com a devida distância, discreta e respeitosamente, deve contribuir para a inserção do dislético no grupo-classe;

- Estimule-o, incentive-o, faça-o acreditar em si, a sentir-se forte, capaz e seguro. O dislético tem sempre uma história de frustrações, sofrimentos, humilhações e sentimentos de menos valia para a qual a escola deu uma significativa contribuição. Cabe, portanto, a essa mesma escola, ajudá-lo a resgatar sua dignidade, a fortalecer seu ego, a (re) construir sua autoestima;

- Sugira-lhe “dicas”, “atalhos”, “jeitos de fazer”, “associações”, etc., que o ajudem a lembrar-se de, a executar atividades ou a resolver problemas;

- Não lhe peça para fazer coisas na frente dos colegas, que o deixem na berlinda: principalmente ler em voz alta;

- Atente-se ao fato de que, em geral, o dislético tende a lidar melhor com as partes do que com o todo. Abordagens e métodos globais e dedutivos são de difícil compreensão para ele. Apresente-lhe o conhecimento em partes, de maneira dedutiva;

- Permita, sugira e estimule o uso de gravador, tabuada, máquina de calcular, recursos da informática, dentre outros recursos facilitadores;

- Permita, sugira e estimule o uso de outras linguagens.

Como se pode ver no filme *Como estrela na Terra*, toda criança é especial (KHAN, 2007), a criança com dislexia era criticada por todos como preguiçoso, desrespeitador e bagunceiro. Ishaan diz que as letras dançam na sua frente. O pai mediante a situação e a tristeza por ter um filho tão problemático, decide colocá-lo em um colégio interno onde encontra um Educador que o entende. O filme deixa clara a importância que o professor tem de mudar a vida de seu aluno. Enquanto todos os professores da escola convencional só sabiam corrigir Ishaan, esse professor substituto encontrou nas artes, um método para alfabetizar o garoto.

O professor pode auxiliar o seu aluno disléxico, fazendo o uso de materiais concretos, como: argila usa de massa de modelar, gravar as aulas (para que sejam escutadas quantas vezes for necessário). O conteúdo trabalhado com o aluno disléxico deve ser sistemático e cumulativo, cuidadosamente monitorado e regularmente avaliado de forma a verificar a sua eficácia e redimensionamento (CARREIRA, 2016).

Segundo Carreira (2016), somando-se a todas as possibilidades pedagógicas já abordadas, quer-se chamar a atenção para a utilização do computador, concebido como importante estratégia no processo de ensino aprendizagem do aluno disléxico. Contudo, não se deve supervalorizá-lo, uma vez que esta ferramenta não estabelece relação afetiva com o aprendiz, e não substitui o professor uma vez que a aprendizagem se dá numa relação afetiva entre os sujeitos e destes com o objeto de estudo. O computador contribui no sentido de facilitar a leitura e a correção, fazendo-se necessário adequar às atividades propostas para atender as necessidades dos alunos.

Outros recursos benéficos são o gravador e a televisão, já que os textos podem ser gravados e ouvidos em diferentes momentos. Quando os alunos receberem orientações de como tomar nota dos dados principais, essas estratégias podem auxiliá-los muitíssimo na discriminação visual, principalmente na correção. Isso contribuirá para o processo de ensino e de aprendizagem, na medida em que estas crianças e o professores poderão contar com meios mais modernos e interativos para viabilizar este processo a fim de desenvolver habilidades relacionadas à leitura e escrita, operações básicas, noções de espaço, lateralidade, psicomotricidade e a eficiência e seu redimensionamento (CARREIRA, 2016).

3 – METODOLOGIA, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 – METODOLOGIA

Em relação aos aspectos metodológicos deste artigo científico, menciona-se que optou-se pela pesquisa bibliográfica e pela pesquisa de campo, visando alcançar o objetivo deste trabalho científico, ou seja, refletir acerca da afetividade como estratégia de ensino à criança disléxica, destacando a afetividade como principal fator para a aprendizagem.

Para tanto, fez-se uso da pesquisa bibliográfica a fim de alcançar tal intuito. Pautado em estudiosos, esta pesquisa buscou levantar dados em livros, capítulos de livros, artigos científicos em anais, em periódicos e em meios eletrônicos, trabalhos de conclusão de curso – monografia, tese e dissertações – dentre outros elementos e recursos, para dar subsídios consistentes sobre a temática aqui a ser discutida.

A pesquisa bibliográfica “[...] é um tipo de pesquisa obrigatória a todo e qualquer modelo de trabalho científico”. Diz respeito a uma análise organizada de modo sistemático com base em materiais já publicados, materiais estes concebidos como “[...] fontes de informação e conhecimento [...]” (CORDEIRO; MOLINA; DIAS, 2014, p.123).

De acordo com Cordeiro, Molina e Dias (2014, p. 123), a pesquisa de campo diz respeito a “[...] investigação prática realizada em um local previamente definido que atende os objetivos propostos”. Observação dos fatos demarca este tipo de pesquisa e que ocorre por meio de: “observações, questionários, formulários, entrevistas, entre outros” (CORDEIRO; MOLINA; DIAS, 2014, p.124).

Assim, para colaborar na concretização do objetivo acima apresentado, fez-se necessário a realização da pesquisa de campo por meio de questionário no montante de seis questões aplicado ao corpo docente que possuía em sua turma aluno com diagnóstico de Dislexia.

3.2 – COLETAS DE DADOS

Para melhor agilidade e diálogo, em decorrência da pandemia, preferiu-se aplicar o questionário a professores de escolas públicas municipais de alguns municípios da região Sudoeste do Estado de São Paulo, via Google Forms.

Somam-se quatro professoras em análise que se prontificaram em auxiliar na concretização da parte prática da pesquisa, sendo que dentre elas, uma é

psicopedagoga da rede pública e participar e a outra é professora especialista de Atendimento Educacional Especializado na rede pública municipal.

Segue abaixo, em ordem alfabética, as iniciais dessas educadoras e suas formações acadêmicas e, em seguida a apresentação das respostas integrais do questionário aplicado.

1 – A. L.

Formação: Ensino Superior Completo.

2 – E. M.

Formação: Professora.

3 – F. C. T. S.

Formação: Pedagoga, Psicopedagoga.

4 – L. E. G.

Formação: Professora/neuropsicopedagoga.

1 – Ainda sobre sua formação, você tem alguma formação voltada à Educação Especial Inclusiva ou para Necessidades Especiais Educacionais?

Sujeito	Resposta
1	“Não.”
2	“Aperfeiçoamento em autismo/ aspecto pedagógico” [s.i.c.]. ¹
3	“Sim”.
4	“Educação inclusiva/ deficiência intelectual”.

2 – Quanto tempo atua na educação e em quais cargos?

Sujeito	Resposta
1	“18 anos - cargo professor”
2	“17 anos”.
3	“21 anos, professora de ed.especial [s.i.c.], professora rede regular e coordenadora da educação especial”.
4	“13 anos- sala regular no ensino fundamental- atendimento clínico”

3 – Qual a sua maior dificuldade com a criança disléxica?

Sujeito	Resposta
1	“Ensinar a ler e escrever”
2	“Acompanhar na leitura e escrita”.
3	“A maior dificuldade é motivá-los a continuar aprendendo, aceitando as diferentes estratégias pra acesso aos objetivos propostos”.
4	“A avaliação e o diagnóstico preciso”.

¹ S.I.C. = significa segundo informações colhidas. Quer, dizer, as respostas encontram-se na íntegra conforme foram disponibilizadas no Google Formulário.

4 – Na sua opinião, a afetividade pode ser usada como recurso pedagógico com a criança disléxica? Por quê?

Sujeito	Resposta
1	<i>“Sim, pois é através da afetividade que a criança adquire confiança no professor e assim percebe que é capaz de aprender.”</i>
2	<i>“Sim, porque ela terá mais confiança e sairá melhor” [s.i.c.]</i>
3	<i>“Com toda certeza.”</i>
4	<i>“A afetividade leva o aluno a querer aprender”.</i>

5 – Você teria algumas sugestões de estratégias para sugerir com o trabalho com crianças disléxicas?

Sujeito	Resposta
1	<i>“Na minha opinião, deixar que ela se sinta a vontade para expor suas ideias e não deixar que ela se sinta inferior aos colegas.”</i>
2	<i>“Tratar com naturalidade para ficar menos ansiosos” [s.i.c.]</i>
3	<i>“Atividades orais com ao [s.i.c.] temas explorados, leitura do professor ou auxiliar para compreensão”</i>
4	<i>“Estímulos direcionados a fonemas.”</i>

6 – Dentre essas estratégias, há alguma relacionada com o aspecto afetivo? Se sim qual?

Sujeito	Resposta
1	<i>“Sim, autoconfiança.”</i>
2	<i>“Sim, o tratamento com naturalidade.”</i>
3	<i>“Vínculo professor aluno, na leitura compartilhada pelo professor.”</i>
4	<i>“Elevar a auto-estima [s.i.c.] da criança, sabendo que a maioria já se encontra desmotivada pela dificuldade e comparações freqüentes.” [s.i.c.]</i>

3.3 – ANÁLISE DE DADOS

Apenas quatro educadoras provenientes de Escolas Públicas, localizada em alguns municípios do Estado de São Paulo, responderam o questionário. Infelizmente, o questionário foi enviado à outras secretarias da Educação que possuem educandos com o transtorno em análise. Porém, apenas estas 4 profissionais colaboraram respondendo as indagações.

Em relação à formação, as quatro têm formação em Pedagogia sendo que duas tem pós-graduações: uma em Psicopedagogia e a outra em Neuropsicopedagogia. Todas têm especializações em Educação Inclusiva ou em Necessidades Educacionais Especiais, o que denota que possuem certas competências e certo conhecimento para atuar com crianças com o transtorno em questão.

Primeiramente, foi abordado se elas tinham alguma dificuldade com a criança disléxica. Todas responderam que sim e elencaram suas dificuldades: duas responderam que a maior dificuldade é na leitura e escrita; uma elencou que a maior

dificuldade é na motivação para eles aprenderem e na aceitação das estratégias propostas; já a outra disse que a sua maior dificuldade é na avaliação e no diagnóstico.

Em relação ao diagnóstico, convém trazer os apontamentos de Carreira (2016) ao dizer que o diagnóstico se dá por meio da exclusão, não sendo realizado pelo pedagogo ou professor, mas sim por várias mãos, ou seja, uma equipe multiprofissional, ou seja pela constituição de capacitados profissionais, dentre eles: o psicólogo, o psicopedagogo e o fonoaudiólogo. Além do profissional de neurologia, podem ocorrer encaminhamentos para: “oftalmologista, geneticista, otorrinolaringologista, pediatra etc. Para se confirmar se existem ou não, outros fatores que estejam comprometendo o processo de aprendizagem ou mesmo coexistindo com a dislexia, esses profissionais devem trocar informações para confirmar o distúrbio” (CARREIRA, 2016, p.17).

Foi também perguntado a elas sobre a afetividade. Se, na opinião delas, o fator afetivo pode contribuir ao aprendizado, sendo concebido como recurso pedagógico para o aluno disléxico. Todas responderam que sim. A afetividade é um dos melhores recursos para auxiliar na aprendizagem dessa criança. “Sim, pois é através da afetividade que a criança adquire confiança no professor e assim percebe que é capaz de aprender” (A. L.).

Neste momento, a contribuição de Oliveira e Silva (2018) são relevantes. Embora não apresentarem que a afetividade colabora com a criança disléxica, trazem que o fator afetivo colabora com a aprendizagem de qualquer criança. Apontam que a afeto e a cognição são inseparáveis e que cabe ao docente estar apto ao [re] estabelecimento de vínculos afetivos positivos.

Para Martinelli (*apud* OLIVEIRA; SILVA, 2018), embora não haja concordância quanto ao papel que a afetividade desempenha no processo de aprendizagem, comprova-se que os estados afetivos interferem na cognição.

Acerca de tudo o que foi questionado a elas, foi indagado se teriam alguma estratégia de aprendizagem para o aluno disléxico a fim de contribuir com esta pesquisa. Todas prontamente elencaram alguma estratégia:

Duas delas abordaram mais a questão relacional com a criança: Deixá-la à “vontade” (A. L.); Agir e “Tratar com naturalidade” (E. M.); atitudes simples como estas relatadas pelas profissionais e participantes irão colaborar para aumentar a autoimagem e a autoestima da criança com dislexia, e isso está relacionado com a

afetividade, não a deixando menos “inferior aos colegas” (A. L.); “para ficar menos ansiosos [s.i.c.]” (E. M.). Na mesma linha de raciocínio apontou Carreira (2016, 26): “Deve-se tratar o aluno disléxico com naturalidade” e ainda acrescenta outras questões importantes e que merecem destaque:

A presença de uma criança com dislexia numa sala de aula deve ser vista como uma excelente oportunidade para o educador repensar sua prática e atender adequadamente as singularidades daquela criança. E certamente essas mudanças beneficiarão não apenas os educandos que apresentam maiores dificuldades de aprendizagem, e sim tornará o processo educativo mais acessível a todos (CARREIRA, 2016, p. 26).

As outras duas colaboradoras, em suas respostas, trouxeram estratégias sistematizadas e relacionadas com o processo de leitura e de escrita. Observe: “Atividades orais com oa [s.i.c.] temas explorados, leitura do professor ou auxiliar para a compreensão” (D. C. T. S.); “Estudos direcionados a fonemas” (L. E. G.).

Além destas estratégias, Carreira (2016, p. 27) sugere que à criança disléxica:

A metodologia usada deve dar ênfase ao desenvolvimento da capacidade de discriminação visual e discriminação auditiva, coordenação viso-motora, esquema corporal, coordenação motora grossa, noção temporal espacial, estímulo do funcionamento cerebral, através de atividades motoras diversificadas que envolvam as habilidades mencionadas e valorização da psicomotricidade.

Dentre as sugestões propostas, convém apresentar aqui o que propôs Hennigh (*apud* MONTANARI, 2015, p. 25):

O papel do professor frente ao disléxico deve ser de orientador e facilitador, proporcionando um ambiente estimulante e de apoio. Ainda pode junto com o aluno estabelecer objetivos que este deseja alcançar, motivando o estudante. Outro fator importante para a aprendizagem do aluno é proporcionar um ambiente centrado nele, ou seja, o professor deve buscar novas formas de explicar uma atividade, quando esta não é compreendida pelo aluno, além de incentiva-lo a participar de atividades em sala, adequando-as. Uma vez que haja alunos com dislexia em sala de aula

O trabalho de orientação, mediação e em facilitar a vida acadêmica e escolar da criança com dislexia deve ser uma constância de todo e qualquer professor. E toda diversidade em relação a estratégias e metodologias são muito bem-vindas e propícias.

Aproveitando também o gancho de recursos pedagógicos foi questionado se teria alguma estratégia relacionada com o campo afetivo para melhorar a aprendizagem.

Quer-se ressaltar que esta pergunta foi a mais aguardada, no sentido de alcançar o seguinte objetivo elencado na parte introdutória deste trabalho: “Apontar estratégias relacionadas ao aspecto afetivo e à atuação docente”. Porém, encontrou-se certa dificuldade no levantamento de dados bibliográficos que abordassem, de fato, a afetividade como recurso pedagógico e específico para a criança com o transtorno da Dislexia.

Todas responderam que sim, elencando, dentre as estratégias, vínculo professor/aluno e elevação da autoestima, o que de fato, está relacionado com a temática e relevância do estabelecimento de vínculos afetivos.

A questão da confiança foi abordada por duas colaboradoras e L. E. V., psicopedagoga, trouxe um apontamento relevante: “A afetividade leva o aluno a querer aprender”. Nesse apontamento, é possível perceber que a afetividade perpassa de ser considerada um recurso pedagógico, mas sim um recurso psicopedagógico, no sentido de estimular o aprender a aprender, a vontade em querer aprender; recurso psicopedagógico, pois um dos objetivos principais da Psicopedagogia, é reestabelecer esse prazer em querer aprender por parte da criança.

Para Oliveira e Silva (2018, p. 105), o educador tem primordial atuação, exercendo grande importância para constituir a personalidade e no caráter do alunado. Seu modo de lidar com os educandos, sua interação com a turma, propagarão “mais do que meros conteúdos disciplinares, podendo deixar marcas de natureza positiva ou negativa para o resto de suas vidas”. Acrescenta-se, aqui: espera-se que tais marcas que os professores deixem na vida e da educação de seus alunos sejam marcas afetivas de cunho positivo.

Findando, frisa-se que se tomou conhecimento que as informações adquiridas através do presente questionário, comprovaram a relevância da afetividade e dos vínculos afetivos como grandes estratégias para o educador que pode usar com qualquer criança, principalmente com aquelas com N.E.E., com transtornos ou dificuldades de aprendizagem, como com a criança disléxica, o foco desse artigo científico.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse artigo científico, por meio da fundamentação teórica e pesquisa de campo, através das concepções das educadoras, permitiram refletir sobre o quanto a afetividade pode auxiliar o professor no processo de aprendizagem da criança disléxica.

Muitos teóricos estudaram sobre o assunto e juntamente com o questionário foi de grande valia, a fim de comprovar que a afetividade remete a um grande recurso pedagógico, principalmente com as crianças com dificuldades de aprendizagem, necessidades educacionais especiais ou transtornos, como no caso da Dislexia.

Comprova-se que a relevância da afetividade e a constituição e o estabelecimento de vínculos afetivos na relação entre educador e educando, devolvendo o prazer e a vontade em querer aprender, elevando a autoestima, estimulando a descoberta, a investigação e lançando mãos de diversas estratégias que colaboram com a criança com Dislexia.

Esta reflexão científica foi mobilizada em decorrência do fato de que a Dislexia, muitas vezes, é confundida com preguiça da criança, por parte da família ou da escola, chegando num diagnóstico tardio, pode vir a prejudicar o desenvolvimento e o processo de aprendizagem da criança, desmotivando-a ainda mais.

Esse artigo teve como objetivo geral levar à reflexão acerca da relevância da atuação e da intervenção docente e a inserção da afetividade como recurso pedagógico para o educando com Dislexia.

Tal intuito, percebe-se, que foi alcançado, pois a afetividade pode ser definida e defendida como instrumento pedagógico, enquanto estratégia docente e didática. Afeto e inteligência podem 'caminhar de mãos dadas' no sentido de que haja êxito no processo de aprendizagem da criança com Dislexia. A escuta e olhar atentos, a confiança, o carinho, o envolvimento, a preocupação, a empatia, dentre outros elementos devem constituir o rol de estratégias que o educador necessita para colaborar no processo de ensino e de aprendizagem da criança público alvo desse artigo científico.

Tal intuito foi amparado na seguinte especificidade, que foi a de buscar recursos que apontem e definam práticas pedagógicas voltadas à reflexão e à

compreensão da afetividade como recurso pedagógico para auxiliar o professor no processo de ensino e de aprendizagem, aumentando as chances da criança disléxica em ter uma aprendizagem significativa.

Para tanto, nos caminhos trilhados, pretendeu-se apresentar subsídios consistentes e teóricos respondendo à problemática da possibilidade da inserção da afetividade como principal recurso para ajudar a criança disléxica, por meio do desenvolvimento de estratégias a fim de se repensar e valorizar a questão da afetividade na educação das crianças disléxicas, tornando maior a chance de aprendizagem dessa criança, auxiliando também na sua autoestima e autoconfiança.

Ressalta-se também que a pesquisa de campo realizada também pode colaborar com a busca de respostas para seguinte problemática. – *A afetividade por parte do professor pode colaborar com a criança disléxica?* – ou seja, todas as reflexões desta pesquisa tiveram como intuito, a compreensão e a contribuição na procura de respostas à pergunta levantada e aos objetivos pretendidos, tanto em caráter teórico quanto da pesquisa de campo, no sentido de demonstrar quanto o estabelecimento de vínculos afetivos entre educador e educando podem colaborar com o seu processo de aprendizagem, ou seja, a afetividade precisa ser encarada na prática educativa enquanto recurso pedagógico, principalmente para a criança com Dislexia, o foco e a preocupação desse artigo científico.

5 – REFERÊNCIAS

ALFREDO, C. A. G. **A neurociência e os transtornos no desenvolvimento e na aprendizagem.** Monografia (Pós-Graduação em Neurociência Pedagógica). Conjunto Universitário Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: >http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/K225635.pdf<. Acesso 21 abr. 2021.

BORBA, A. L. **Como interagir com o disléxico em sala de aula.** 28 set. 2016. Disponível em: ><https://www.dislexia.org.br/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula/>< Acesso em: 27 ago. 2021.

BRUNO NETO, G. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: 2012. Disponível em: >https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2012/1o_SEM.12/GIUSEPPE_BRUNO_NETO.pdf<. Acesso em 21 abr. 2021

CARREIRA, F. K. do N. **Reflexões sobre a dislexia e o papel do professor.** 41 fl. Monografia (em Pedagogia). Universidade Federal Fluminense. Angra dos Reis, 2016. Disponível em: ><https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2014/1/Reflex%C3%B5es%20sobre%20dislexia%20e%20o%20papel%20do%20professor.pdf><. Acesso em 20 ago. 2021.

CORDEIRO, G. do R.; MOLINA, N. L.; DIAS, V. F. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos.** 2 ed. Curitiba: InterSaberes, 2014.

DANTAS, H. A. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon . *In*: DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. de; LA TAILLE, Y. de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire.** São Paulo: Scipine, 1999

KHAN, A. **Como estrela na terra toda criança é especial.** Bollywood, 2007. 1 dvd, 165 minutos.

KOHL, M. O de. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. *In*: DANTAS, H.; OLIVEIRA, M. K. de; LA TAILLE, Y. de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

MAHONEY, A. A; ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *In*: **Revista Psicologia da Educação**, 2005, n. 20, p.11-30. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n20/v20a02.pdf>>. Acesso em 1º maio 2021.

MONTANARI, R. **Uma análise sobre dislexia na escola**. 2015. 65 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em Pedagogia). Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências. Rio Claro, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/128229>>. Acesso em 20 fev. 2021.

NUNES, V. **O papel das emoções na educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009

OLIVEIRA, E. G. de; SILVA, F. P. da. A relevância da afetividade constituída nas relações e interações interpessoais na obra o Pequeno Príncipe. p. 95-118. *In*: VERCELLI, L. de C. A.; ESTEVÃO, D. C. **Educação e Infância**: Jundiaí: Paco, 2018.

PIMENTA, T. **Dislexia**: Sintomas, diagnostico, tratamento e impactos no aprendizado. 19 jul. 2018. Disponível em: > <http://www.virtude.com.br.com/blog/dislexia-sintomas-diagnosticos-tratamento/>< Acesso em: 21 abr. 2021.

SILVA, A. L. S. D. da. **Afetividade na educação infantil**. Disponível em: ><http://www.novaescola@fuc.org.br>< Acesso: 10 jul. 2021.